

A METÁFORA DE BRASIS: FRONTEIRAS ÉTNICAS, RACIAIS E DISCURSIVAS NO CINEMA BRASILEIRO

Aluno: Sabrina Magalhães
Orientador: Andréa França

Introdução

Ao começarmos um estudo, ainda muito inicial, do cinema brasileiro, sua história, percebemos que nos anos 60 falava-se (a crítica, os cineastas, o público) em “cinema periférico” quando se queria levar em conta a experiência histórica do país de origem (atrasado, colonizado, pobre), o impasse do subdesenvolvimento no Terceiro Mundo, perceber na linguagem do homem oprimido a imagem cinematográfica do “colonizado”, etc. O cinema periférico remetia a uma geografia do atraso, a uma situação econômica precária, mas acreditava-se que era sobre essa base que nasceria uma arte política comprometida, engajada e transformadora. Já a partir da década de 80, a esperança daquela arte política engajada vai dando lugar a uma visão positiva das influências estrangeiras, de temáticas e produções mais arrojadas com um maior espaço para o crescimento de cinemas como o da Boca do Lixo, em São Paulo, o do documentarista Eduardo Coutinho, juntamente com os projetos ancorados pela Embrafilme. Nos anos 90, já não há mais um posicionamento incisivo em evidenciar um terceiro cinema - sempre à margem das indústrias cinematográficas do primeiro mundo. Surgem filmes, a partir da chamada retomada do cinema brasileiro, que se configuram em aproveitar esse ambiente terceiro-mundista para se criar histórias e reflexões, e não somente denunciar nossas mazelas.

A presente pesquisa procura estabelecer um diálogo com o artigo *Imagem Inacabada e Cinema Brasileiro*, de Andréa França, que aponta tentativas de se representar o Brasil, e com os livros *Introdução à Teoria do Cinema*, de Robert Stam, *O Cinema brasileiro moderno e Alegorias do subdesenvolvimento – cinema novo, tropicalismo e cinema marginal*, ambos de Ismail Xavier. Em função dessas transformações e descontinuidades da própria história do nosso cinema que decidimos selecionar dois filmes de décadas e contextos diferentes, mas que tivessem questões temáticas comum, sobretudo as relacionadas às fronteiras raciais e étnicas, para fazermos uma análise das obras percebendo suas ligações com a forma de conceber ou reidentificar o Brasil, sobre a tentativa de se falar do país.

Objetivos

A partir dos filmes *Macunaíma* (1969, dirigido por Joaquim Pedro de Andrade) e *O Fio da Memória* (1991, dirigido por Eduardo Coutinho), pretendo discutir os diferentes modos de representação de raça, cultura, tradição e construção de identidade, tais como aparecem nos filmes de Joaquim Pedro e, posteriormente, no filme de Eduardo Coutinho, levando em consideração os diferentes contextos socioculturais, as diferentes formas de linguagem e as propostas estéticas em jogo.

Veremos que, se em *Macunaíma* há um imaginário e uma imagem de Brasil a ser pensada e repensada, a identidade como um problema a ser discutido pelo cinema, em *O fio da memória* o foco são os marginalizados, os esquecidos pela política e pela mídia; o problema histórico da representação da identidade nacional no cinema brasileiro desaparece diante desses outros problemas.

Metodologia

Para a escolha de filmes que tivessem pontos de contato no que diz respeito às fronteiras étnicas e raciais do Brasil, foram analisados os filmes *Barravento* (1961), de Glauber Rocha, *Filhas do Vento* (2005), de Joel Zito de Araújo, *Orfeu* (1999), de Carlos Diegues, *Orfeu Negro* (1959), de Marcel Camus, *O Fio da Memória* (1988-91), de Eduardo Coutinho, *Macunaíma* (1969), de Joaquim Pedro de Andrade, *Rio Zona Norte* (1957), de Nelson Pereira dos Santos, e *Uma Casa para Pelé* (1992), de Walter Lima Junior.

Com a escolha dos filmes *Macunaíma* e *O Fio da Memória*, a pesquisa focou nos periódicos e jornais com críticas sobre os filmes feitos na época, além da base teórica de *Introdução a Teoria do Cinema*, de Robert Stam, os livros *Macunaíma*, de Mario de Andrade, e *O Documentário de Eduardo Coutinho*, de Consuelo Lins; mas é fundamental também a leitura do livro de Ismail Xavier, *Alegorias do Subdesenvolvimento – Cinema novo, tropicalismo e cinema marginal*. No primeiro capítulo, abordaremos o discurso da identificação do Brasil como nação no cinema da década de 60, enxergando as influências de movimentos como o neo-realismo italiano e o contexto histórico como parte dessa configuração. Assim, veremos o reflexo desse movimento – de instituir o que é nacional, o que é ser brasileiro – no cinema a partir da década de 90, marcada pela recessão da produção com o governo Collor e a enfim produção de filmes da *retomada*, tendo como Central do Brasil o marco inicial. Para aprofundar mais a discussão, no segundo capítulo os filmes *Macunaíma* e *O Fio da Memória* serão analisados como exemplo de filmes brasileiros que discutem fronteiras étnicas, discutem o Brasil, e são datados, respectivamente, de 1969 e 1989: vinte anos para as diferenças de posicionamento, referências e influências que, no entanto, parecem demonstrar o interesse contínuo em se falar de identidade, raça e cultura no país.

Conclusões

O documentário *O Fio da Memória*, de Eduardo Coutinho, traça uma linha narrativa que parte da abolição da escravatura, com extratos do diário de Gabriel – um filho de escravo – e da casa que ele construiu até sua morte. O filme narra os acontecimentos - e o país, como espaço e casa – calcado no particular, numa história singular (no caso, um personagem póstumo). Em *Macunaíma*, de Joaquim Pedro de Andrade, a ficção parte de uma releitura oswaldiana do *Macunaíma* de Mário de Andrade, trazendo (numa chave antropofágica) uma imagem do que seriam os brasileiros dentro do espaço, com uma estética e representação ao mesmo tempo alegórica, surrealista e caricatural. Os dois filmes, portanto, exploram diferentes formas de narrar e falar do Brasil, possibilitando uma discussão e um paralelo entre décadas distintas, modos de linguagem e imaginários da nação.

Referências Bibliográficas

- 1- FRANÇA, A. “Imagem Inacabada e Cinema Brasileiro”. In: FRANÇA, A. LOPES, D. (Org.) **Cinema Contemporâneo, Globalização e Interculturalidade** (no prelo). Rio de Janeiro, Ed. Argos.
- 2- LINS, C. **O Documentário de Eduardo Coutinho** (2004). Rio de Janeiro, Ed. Jorge Zahar.
- 3- STAM, R. **Introdução a Teoria do Cinema**. São Paulo, Ed. Papyrus.
- 4- XAVIER, I. **Alegorias do Subdesenvolvimento – Cinema Novo, Tropicalismo e Cinema Marginal** (1994). São Paulo, Ed. Brasiliense.
- 5-..... **O Cinema Brasileiro Moderno** (2001). São Paulo, Ed. Paz e Terra.